

Os meus clássicos (enfim, alguns deles) – memórias, homenagens, paradoxos

PEDRO EIRAS

...como fantasmas, ditando um texto muito antigo, vindos de um dia que nunca poderemos conhecer por inteiro, mas que nunca pára de nos encandear, numa luz oblíqua, de língua em língua traduzida.

Todos os meus textos partem de outros textos, mais antigos. Penso que nunca escrevi uma página, qualquer que seja, sem ter presente outra voz, uma mão anterior, o eco de uma escrita que pode distar meses ou anos, séculos ou milénios. Nesse sentido, não há grau zero na escrita, não há solidão: todos os meus textos são habitados por outros corpos, o próprio acto de escrever repete um acto antigo, aprendido, imitado, recebido em herança.

Somos feitos dos outros. Mesmo que tentássemos disfarçar, encobrir a dívida, seria inútil, uma absurda manifestação de má-fé. Pelo contrário, celebro o fascínio da assombração: não me canso de exprimir quanto devo a tudo o que li, imito (ou, como aconselha Eliot, roubo). Um texto é um encontro de vozes, muitas vezes não passo da costura de um sussurro.

...canta, Musa, este meu canto. Que nas minhas palavras haja as tuas palavras: na escrita, nem as palavras do poeta são as palavras primeiras.

E se posso apontar alguns lugares, páginas, parágrafos, versos, dizer: “isto é Homero, isto é Safo, isto é Séneca”, quantas vezes eu

próprio ignoro o que citei, o que emerge no meu texto sem eu dar conta, inconscientemente, involuntariamente, a posseção de uma memória maior do que eu, do que nós.

Pensamos em grego, escrevemos em latim, a nossa própria língua não nos pertence, é quase impossível dizer algo tão simples quanto, por exemplo, “o meu texto”, “a minha voz”.

Que direi, então, “eu”, do que escrevi?

Ou então: que dirão os outros autores através de mim? Que diz o outro, através da minha boca?

... não quero parecer obscuro. Esforço-me muito por não ser obscuro. Mas não haverá um inevitável mistério nisto: nascer, aprender uma língua, herdar uma literatura, escrever através de palavras que nos foram dadas, a partir de uma memória que nunca podemos possuir por completo?

Escrever talvez seja, também, aprender a aceitar a parcela dessa obscuridade na nossa vida.

Li os clássicos. Alguns clássicos. Alguns deles, por razões que nem sempre sei explicar, tornei-os os *meus* clássicos. Mesmo quando escrevi contra eles, lutando, lutando – escrevi sempre por causa deles. E a alegria do combate é, tantas vezes, a mais feroz. Que o digam Camões, Pessoa, Joyce, Sophia – todos, todas.

Por exemplo – numa peça de teatro: *Uma Carta a Cassandra*, no meu volume *As Sombras* (2005).

Cassandra, a mulher capaz de profetizar. A mulher condenada a profetizar. A mulher em quem, por condenação divina, ninguém acredita.

De que noite fechadíssima vem um tão terrível mito, e depois a personagem literária, a heroína trágica: uma mulher que sabe a verdade, que adivinha o terror futuro, o horror imediato, mas que não consegue prevenir a cidade; a mulher ignorada por todos os cidadãos, que tenta impedir a catástrofe, em vão, sempre, repetidamente, em vão?

... porque os clássicos são aqueles que se dizem no singular – um nome, um acontecimento, uma circunstância pontual – para logo se converte-

rem em lei, exemplo maior, aforismo decisivo da nossa condição. Cassandra e Isménia, Antígona e Creonte, Édipo e Tirésias descrevem as nossas vidas, hoje.

O nome de Cassandra aparece apenas no título da minha peça, nunca nas falas das personagens. As personagens chamam-se José e Vera. A peça é constituída por dois monólogos. José é um soldado, escreve uma carta a Vera, relatando banalidades, mas depois revela-nos o horror dos seus dias, tomado progressivamente pela loucura. Vera recebe a carta, lê-a, lê-a muito devagar, depois outra vez, e mais outra vez, numa investigação que nem ela pode evitar, e compreende, vai compreendendo tudo quanto se esconde sob as palavras banais.

Como Cassandra.

Vejo Cassandra como a mais extraordinária leitora. Foi condenada pelos deuses à extrema lucidez. Enquanto outros heróis trágicos vivem cegos para a verdade, Cassandra sofre a exposição absoluta ao terror. E ler também pode ser isso: olhar os olhos da Medusa, que é mais forte do que nós, e paralisa cada um dos nossos músculos.

Horror da cegueira, horror da visão, insuportável peso do conhecimento. Palavras de Vera, no seu monólogo:

Foi na praia, José, eu respondi que não acreditava. Tu disseste, nunca te vou mentir, eu olhei para o mar, para o céu, uma sombra debaixo de outra, vi logo que isso já era mentira, vi que tu me ias mentir, um dia, e que já estavas a mentir, nesse instante, sem saberes. Respondi, não acredito. E tu ficaste ofendido, mas eu já sabia que não tinhas razão. Se pudesses saber que este dom de adivinhar é uma queimadura viva, talvez tivesses fugido. Mas tu mal sabias ver o vento e a água, quanto mais o futuro.

Ficaste caído na areia, eu ainda vi o fio do teu esperma, fui ao mar lavar os olhos com sal, para poder ignorar o tempo e as mentiras que haviam de vir. O mar fez-me bem, riscou-me os olhos como uma lixa. E pensei: sou maldita, porque adivinho o futuro. Sou maldita, porque não posso crer em ti. Sou maldita, porque já sei que um dia me vais mentir e não sei quando será, adivinho que omitirás os teus dias mas não sei quando serás sincero, viverei contigo debaixo do sobressalto.

Cassandra lê o futuro, Vera lê uma carta, nós lemos –

... um clássico é um lugar aonde se regressa. Um clássico é um acto de regresso.

– livros, jornais, a tensão no ar em torno, certas palavras repetidas, modas, famas, esquecimentos. Todo o ruído em torno, tanto.

... e contudo o clássico também é um lugar aonde se vai, que se reconstrói a cada visitaçāo, um espaço novamente inventado pela nossa leitura, agora, hoje, amanhã, pela leitura que nunca existiu. Por isso ainda estamos a reinventar Píndaro, Sófocles, Ovídio, Epicteto. Por isso amanhã voltaremos ainda a todos esses autores, para os descobrir pela primeira vez. Nesse sentido, paradoxalmente, os clássicos também estão no nosso futuro.

O que espero de um leitor, de um espectador, quando o nome de Cassandra é dito no título de uma peça de teatro, e nunca nos dois monólogos que a constituem? Não sei responder. Claro que se trata de uma reescrita de um texto anterior – reescrita assumidamente livre; e decerto importa ler um texto sob o outro, cada palavra à luz oblíqua de outra palavra.

Em cada página, há duas páginas. Em cada página há cem páginas. Cada voz ecoa muitos milhares de vozes.

Uma Carta a Cassandra é a maldição de Cassandra, há tantos séculos, em Tróia, em Argos, transformada na maldição de Vera, no início do século XXI – a maldição de uma mulher casada com um soldado que foi ocupar um país, a maldição de uma mulher que, lendo atentamente uma carta, adivinha o horror escondido, no século XXI, no século de Abu Ghraib.

Argos, Abu Ghraib.

... o nosso passado, o nosso presente. O nosso futuro.

... leio os clássicos como se fossem meus contemporâneos. E são. Quando os leio, sou contemporâneo de Empédocles, de Eurípides, de Virgílio. E nem sequer me lembro de que são “clássicos”: eles são, simplesmente, as vozes dialogantes, aqui, agora.

... ao mesmo tempo, paradoxalmente (como poderia negá-lo?), há também o prazer inquietante de uma vertigem: ler um texto que dista de mim dois mil anos, dois mil e quinhentos anos. Entre mim e esta página de Marco Aurélio, existem dois milénios. Como não experimentar também o fascínio dessa lonjura, a improbabilidade de uma carta que chega ao destinatário dois mil anos depois?

Não posso assumir aqui todas as minhas dívidas.

Tenho de aprender a viver com esta minha voz emprestada.

Schopenhauer diz algures que é perigoso ler livros porque, quando os lemos, eles pensam por nós. Quando se escreve, também se é possuído por aquilo que outros escreveram. Mas onde Schopenhauer vê um perigo, prefiro encontrar o pretexto para uma festa. E não me canso de explicar aos meus alunos como somos afortunados, nós, leitores, por não termos apenas uma única vida.

Não posso assumir aqui todas as minhas dívidas, não caberiam, não poderia lembrar-me de todas – mas posso dizer que já citei as *Bucólicas*, já parodiei os diálogos socráticos, já evoquei Antígona, o Minotauro, algumas *Metamorfoses*, páginas de Cícero, ditos de Heraclito.

E poderia dizer mais, mas não quero dizer mais, deixo aos leitores as suas próprias leituras de Cassandra, o desafio de uma hermenêutica que preparei minuciosamente – e depois, minuciosamente, encobri.

... escrever é também encontrar a justa medida – nada em excesso! – entre clareza e obscuridade, tão difícil equilíbrio. Nem tudo pode ser dito, nem tudo deve ser escondido. Como a Esfinge junto de quem chegava a Tebas, assim o texto deve lançar os enigmas, mas só o viajante deve aprender a responder. E a resposta, descobre no fim, era afinal ele mesmo.

Escrever – mas na medida certa da desescrita. Perguntar, sem responder. Por exemplo num livro de pequenas ficções, *Museus* (2019):

MIMESIS

Assim reza a história antiga: Zêuxis pintou cachos de uvas tão perfeitos que os próprios pássaros, ludibriados, as foram bicar.

É provável. Mas a história não explica: de onde, se o céu tinha estado vazio todo o dia, vieram os pássaros?

Ou seja, ou seja: lembrar, glosar, reescrever um mito, a história de Zêuxis, contada por Plínio o Velho, mas depois voltar atrás, repensar *mimesis* e criação, real e imaginário, numa pergunta suspensa, não dar o sentido por adquirido.

No seu ensaio sobre o contador de histórias, Walter Benjamin recorda uma página de Heródoto, e a sua leitura mais corrente, mas logo depois multiplica possibilidades de interpretação, tantas, deslocando o texto para fora dos seus eixos imediatos. A arte do contador de histórias, explica, consiste nessa exploração dos sentidos. E não por crise da verdade, como pode acontecer em Kafka, na parábola das portas da Lei, antes pelo trabalho infinito, e fascinante, da revisão do passado, dessa Antiguidade que está sempre por completar.

... nunca poderemos ler exactamente os gregos e os romanos antigos, porque não somos gregos nem romanos antigos. Dos clássicos, só podemos fazer uma leitura moderna, pós-moderna (pós-pós-moderna...). Todo o texto antigo em que tocamos se torna logo contemporâneo. Nunca mais poderemos ler exactamente Hesíodo ou Xenofonte ou Lucrécio, só nos podemos ler a nós próprios lendo os Antigos.

... mas, pela mesma razão, podemos saber dos Antigos o que nem eles souberam deles próprios. Podemos saber a distância, certas relações panorâmicas, o diálogo de vozes e de ecos ao longo dos séculos, aquilo que, nas suas próprias obras, só a psicanálise, o feminismo, o pós-colonialismo permitem hoje ver.

... a paralaxe é a nossa condição, a nossa tragédia, a nossa magnífica oportunidade.

Não escrevo para recuperar a verdade dos clássicos. Escrevo para falhar a minha leitura dos clássicos. Mas também, como diz Beckett, para falhar melhor.

A minha leitura, a minha escrita – são anacrónicas. Estar no tempo, quando se lê e escreve, é também estar fora do tempo.

Nos últimos anos, publiquei três livros de poesia, num diálogo livre com a *Divina Comédia* de Dante Alighieri. No terceiro e último

livro, sob o signo do paraíso, evoquei alguns homens e mulheres concretos. Não eram contemplativos, não viveram forçosamente felizes; bem pelo contrário, as suas vidas foram dominadas por uma intensa fúria, uma forma de resistência contra o mundo e sua suposta “normalidade”. Foram esses homens e mulheres, quantas vezes malditos e perseguidos, que encontrei no meu *Paraíso*.

Nos últimos cantos do livro, há uma extensa lista de personagens, todo um cortejo de evocações; nunca digo os nomes dessas pessoas, por razões que não posso explicar aqui. E alguns desses homens e mulheres, reais ou imaginários, pertencem ao universo dos clássicos.

Assim, no canto XXI escrevo:

E atrás destes vi muitos outros
vultos, vozes, multidões
densas de sombras sem sono,

e digo: Vem,

e no canto XXII inicio a minha evocação:

tu,

princesa
jogando à bola
na areia da praia,
que recebeste o homem
cuspido
pelo mar,
pois decidiste ignorar as suas mãos ainda tintas
das cidades saqueadas,
canto após canto,
para
instrução dos pupilos,

e é Nausícaa que vejo no paraíso, não Ulisses, não esse “saqueador de cidades”, como diz Homero, como diz o modelo de *aretê*, como diz a escola do herói grego perfeito, é Nausícaa que está no meu *Paraíso*, porque ela, a princesa, apenas joga e brinca, mas interrompe jogo e brincadeira para acolher o fugitivo, o refugiado, aquele que o

mar cuspiu, e depois apaga-se no resto do poema, não é sobre ela que a Musa canta, mas o meu *Paraíso* está interessado nessa sombra –

... e os clássicos sabem que podemos escolher entre diferentes instruções; que, ao lado de Aquiles, há Heitor; contra Creonte, Antígona; cada cidade possui a sua verdade, e tudo se pode investigar.

– digo Nausícaa, Filémon e Báucis, e de novo Antígona –

com os olhos raiados
do choro, junto às muralhas sombrias,
cumprindo
os rituais ditados pelos deuses: o lançar da terra sobre
o inimigo,
teu irmão vencido
(e nunca faltará
quem defenda a razão
dos mais fortes: rios de tinta, legitimando
a propedêutica do terror),

(mito infinitamente glosado e plural e indefinível e problemático, como demonstra George Steiner – sim, é preciso falar dos clássicos, mas também dos leitores dos clássicos, dos intérpretes dos intérpretes, do abismo dos comentários),

– e ainda Platão, e Lucrécio, e Sêneca:

também tu, que escrevias cartas, dizendo
a moderação e o domínio sobre as coisas,
mas que não pudeste reter as lágrimas
na morte do teu amigo,
vem por essa simples razão,

– e tantos outros que esqueço, e sei que esqueço (será preciso, ainda, escrever tantos livros), ou nem sequer sei que esqueço, talvez tenha esquecido que esqueci, talvez eu seja um imenso lugar de esquecimento – mas também, ao mesmo tempo, lugar de memória, a mão que escreve e a mão de que outras mãos se servem para escrever, um vazio, um labirinto, um poço.

... uma vertigem, um sussurro, uma inesgotável fonte.